

“BIGAS, MARIAS E A NOSSA VEZ DE FALAR”: DISCURSOS PROFERIDOS SOBRE MULHERES DE RUAS NO *INSTAGRAM*_¹

Luzineide Vieira de Sousa²
Regina Baracuh³
Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa Paraíba, PB

RESUMO:

Esse texto insere-se nas discussões acerca da invisibilidade e discriminação social, que as mulheres de ruas, de Jacobina-Bahia enfrentaram durante a década de 1970, mas que chegaram a rede social, na página do *Instagram* do grupo @ciasaraudasseis em 2021, através da publicação do texto da historiadora Amanda dos Santos. Para tanto, utilizamos Foucault (2003), para tomar a vida dessas mulheres a partir do conceito da infâmia; com Courtine (2018), para pensar esse corpo e discurso e Butler (2017), no olhar do lugar que essas sujeitas ocuparam/ocupam na sociedade. Para análises do corpus utilizamos o método arqueogenalógico, no intuito de evidenciar a maneira dessas mulheres de ruas terem alçados esforços desesperadores para permanecerem vivas e fugir do lugar que o poder determinou para elas.

Palavras-chave: Mulheres; Infâmia; Rede Social; Arquivo; Discursos.

1. INTRODUÇÃO: No existir da infâmia na passagem das ruas às redes sociais

“Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.”

(ROSA, 1986, p. 19).

A epígrafe acima, serve de ponto de partida para este texto, e nos convida a vários deslocamentos teóricos-procedimentais, sobre o lugar de subjetivação, em que define os sujeitos inscritos em uma cultura de exclusão social, nas práticas disciplinares e dentro de discursos marcados de discriminação. Assim como o personagem Riobaldo de Rosa (1986), que olha para a vida humana acontecer, também aconteceu com as mulheres de ruas: Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú de Jacobina-Bahia (BA), que viveram a realidade do espaço das ruas, durante a década de 1970 e recusaram-se caber numa

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de Linguística e Práticas Sociais. E-mail: ivsousa@uneb.br.

³ Professora Permanente do Programa de Pós Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa CIDADI. E-mail: mrbaracuh@hotmail.com.

subjetividade, que o poder definiu para elas, a partir de tudo que circulava para a mulher daquela época. Esse texto trata das vidas infames, cujas existências são como se não tivessem existido, e por um acaso do presente, chegaram as redes sociais em 2021. Assim, pensamos em Foucault (2003), que nos fala sobre essas existências infames, que são também resistências e que se há dizer hoje, sobre essas vidas de resistências, diz mais sobre questões em que elas “se chocam com o poder, se debatem com ele, tentaram utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas” (FOUCAULT, 2003, p.208).

Assim, os enunciados de uma formação discursiva inserem-se num campo associado que integra, em que pode ser estabelecido identidades formais, continuidades temáticas, transferência de conceitos, jogos polêmicos, de acordo com certas regras específicas das práticas discursivas em um certo espaço/tempo. Ao trabalhar com essa perspectiva arqueológica de Foucault podemos analisar os enunciados para compreender os acontecimentos discursivos, que possibilitaram enraizar certos sentidos em nossa cultura, nos tempos atuais.

Desse modo, trazemos a seguir, os enunciados na materialidade do fluxo de palavras do texto, pensado por uma análise da historicidade da rede social. Ainda, entrecruzando essa materialidade do arquivo entre enunciados e as imagens do dado ao novo do sentido, por outras condições, outros efeitos de referências:

[ciasaraudaseis](#) Olha só que lindeza e que potência de reflexão de Amanda dos Santos [@amanda.dosanto](#) sobre A Rua dos Encantados/LEIAM O TEXTO↓↓

Quantos encantados e encantadas transitam pelo território da Diamantina?! Quantos corpos negros e indígenas construíram, debaixo de açoite e sol fervente, igrejas, casarões e estradas reais, na vila de Santo Antônio das Jacobinas? E de tanto trabalhar, não morreram, se encantaram! Isso aqui é terra colonial e o centro dessa cidade tem o cheiro do sangue das minhas ancestrais. E foi bem ali mesmo, na encruzilhada da opressão que Nega Biga, Bastiana e Maria Pitu, no meio do redemoinho, contaram suas histórias de dor, revolta e poder, no mundo dos encantados. Biga, mãe solo, sem teto, vaga pelas ruas com o filho morto nas costas, em busca de um lugar para enterrá-lo. Mas, como fazê-lo em terra de donos, senhores do ouro, do gado e das fazendas? Pela rua mesmo, o povo da encantaria vai dizer pro seu coração onde estará o melhor terreiro, pro menino voar, virar passarinho, se encantar. Bastiana, veia curandeira, chega cuspidando fogo pelas ventas pra chamar de MOLEQUES esses homens que estão a remexer as nossas terras por baixo e alertando que aqui por cima tá ficando “desinquieta”. “Quando tudo isso aqui desmoronar, vocês vão comer ouro?” Pra não pirar com a previsão, um alecrim e um defumador podem ajudar a acalmar. Já Maria Pitu chega daquele jeito que todo mundo conhece: fechando! Chega Bêbada, dançante e virada na giraia com os filhos saudáveis do patriarcado que colaram a sua vagina com super bonder. Não, não eram monstros. Vingativas, todas as Marias que habitam aquele corpo denunciam, em meio a gritos e muito choro, o estupro, o feminicídio, o aborto dos homens

e toda a violência patriarcal a que estão submetidas mulheres pretas em situação de rua e tantas outras. A voz dessas três mulheres ainda ecoa na minha cabeça e o que eu desejo é que cada cidadã, cada cidadão dessa cidade e de outras ouça com bastante atenção o que elas têm a dizer. É isso, a nossa história precisa ser ouvida, porque já está sendo contada e encantada! (SANTOS, 2021, np.)

Extraímos do texto acima, três enunciados discursivos, que foram selecionados por suas singularidades e que desempenham um papel nesse real, do qual relatam sobre as três mulheres infames e encontram-se em relevância a partir de seus fragmentos de discursos compilados de análises que se verá a seguir:

2.POR UMA ARQUEOLOGIA DOS ENUNCIADOS: NEGA BIGA, VÉIA BASTIANA E MARIA PITÚ

Alguns discursos não ficam no passado e retornam no presente. Isto acontece porque os enunciados ditos em algum contexto, lugar de uma época passada pode vir para o presente, através de um novo referencial e uma função enunciativa nova. Podemos dizer, que ao analisarmos o texto publicado na rede social, do ponto de vista dos estudos discursivos foucaultianos, nossa atenção debruçou-se para as práticas discursivas que produzem o efeito de sentidos dentro das micro relações cotidianas que Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú viveram e foram subjetivadas nas ruas de Jacobina-BA, durante a época dos anos de 1970.

a) No discurso, na imagem: Nega Biga

*Biga, mãe solo, sem teto,
vaga pelas ruas com o
filho morto nas costas,
em busca de um lugar
para enterrá lo;*



Pietà (1499),
estátua de
Michelângelo.
Representa Jesus
morto nos braços
da Virgem Maria.

Esse enunciado do texto, dialoga com uma profusão de outros enunciados não-verbais, em que temos a matriz do sentido da maternidade e assemelha-se a Virgem Maria, ou Pietá dos nossos tempos, uma figura considerada como símbolo do Cristianismo e retorna na presença atual, de Nega Biga, de forma que atravessa e intersecciona uma memória visual enraizada nos fatos da história oficial, dispersa culturalmente na nossa sociedade.

Outro enunciado que pode ser retomado, está presente na tragédia grega de Sófocles, na personagem de Antígona, em que no símbolo da revolta a despeito da proibição do rei, tenta enterrar seu irmão, para que a alma não ficasse vagando, assim como acontece com o filho de Nega Biga, que procurou um lugar para sepultar seu filho e enfrentando o silêncio/a indiferença do poder, transgrediu as normas e desempenhou a ação de enterrar seu filho ali mesmo na rua dos encantados⁴. Essas duas mulheres pensaram na morte de seus entes queridos e contrariaram o decreto do poder da lei do Estado e com isso, pagaram um preço alto pela desobediência, ou seja, a morte no sentido simbólico pelo sentido dos homens.

b) Um grito, uma voz de quem se calou: Véia Bastiana

“Quando tudo isso aqui desmoronar, vocês vão comer ouro?”

Esse enunciado, em que a Véia Bastiana, dialoga em confronto com o poder público, já expõe a matriz de sentido que se faz presente no silenciamento da mulher de rua, por meio dos discursos religioso e jurídico, na tradição e culturalmente enraizado durante longos séculos, faz com que ela não seja ouvida e perpetua a cultura da ‘mulher calada’, e não sendo ‘controlada’, ela é vista pelo discurso médico pela insanidade mental (histórica). Essa posição da não condição de ser ouvida deve-se de algum modo, a partir da matriz do Cristianismo, numa passagem bíblica: 1 Coríntios 14:33-35, em que o apóstolo Paulo diz que as mulheres não deviam falar em público e por outra matriz do discurso jurídico, em que as mulheres foram reduzidas à instabilidade emocional, fazendo com que elas colocassem em xeque a própria credibilidade e, por isso, a legitimidade daquilo que enunciam.

Ainda, podemos trazer um outro sentido, em que dá-se pela cultura dessa contemporaneidade, na condição do efeito de realidade, uma vez que, a ‘vontade de

⁴ A rua dos encantados aparece no texto publicado e refere-se a rua do centro da cidade, interligada ao cemitério de Jacobina-BA.

verdade' é produzida fora de um poder de coerção, na ação de falar e agir, porém, isso só é permitido se não atingir o poder, pois, não há sujeitos livres para dizer tudo que pensam e agirem, a exemplo de Marielle Franco, que confrontou o poder a partir do seu posicionamento no discurso da mulher/resistente e pagou com sua própria vida.

Partindo para o terceiro e último enunciado de análises, pensamos em Courtine (1988), por causa do seu pensamento de que toda imagem se inscreve em uma cultura visual e nela supõe, para o indivíduo, a existência de uma memória visual, de uma memória das imagens. Nessa compreensão, as imagens entre o dado e o novo, as significações refulgiam numa faísca que somente podem ser apanhadas na sua transformação de aparição do acontecimento discursivo.

c) **Corpo e discurso: Maria Pitú**

Chega Bêbada, dançante e virada na giraia com os filhos saudáveis do patriarcado que colaram a sua vagina com super bonder;



Esse enunciado se articula com um feixe de outros enunciados, em que a matriz do sentido constitui-se no corpo biológico da mulher: quando ela recusa a submissão que lhe define (no corpo dócil e passivo das punições) e passa a criar condições de resistência e luta contra as normas de regime impostas. É considerada louca e ultrapassa outros efeitos de realidade, que caracterizam um dado histórico no Brasil que maquia a violência sexual contra o corpo das mulheres. Trata-se do silêncio/do apagamento que tecem essas

histórias de atentado ao corpo e ocupa-se, portanto, de uma realidade, em uma formação discursiva de uma enorme fixação em nossa história, em nossa cultura, a submissão do corpo feminino. Esse enunciado discursivo entre o verbal e a imagem transfigura-se na percepção dessa mulher infame, ao trazê-la, conserva-se dela, determinados traços, que materializam-se do discurso que põe em jogo o poder e o desejo. Dessa forma, o retorno do enunciado instala-se na dispersão: de uma mulher separada nos polos da razão e loucura e na vontade de verdade.

Esse enunciado estabelece a classificação da mulher no interior dos sistemas de regimes, em que instaura-se o discurso autoritário do poder sobre as mulheres. Ou seja: vidas que foram castigadas e desvalorizadas e receberam repressão e punições pesadas, por ter escolhido a rua como lugar de ‘liberdade’, já que a mulher de rua é tida como prostituta e vida fácil. É nesse contexto, que o símbolo da matriz da mulher se retoma e pensado sobre o corpo de Maria Bonita, em que as ‘notícias’ de jornais daquela época proferiram após a sua morte: “foi abandonada com as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado na vagina”.

Para essa condição, coloca-se em disposição os modos operantes dados pelo delineamento das relações de poder no quadro social, ou ainda, pelo gerenciamento da vida, pela forma como a mulher pobre e periférica vive nas ruas e como o Estado negligencia o direito dessas mulheres.

Segundo Butler (2022, p. 159):

[...] o que nos vincula moralmente tem a ver com a forma como somos endereçados pelos outros de maneiras que não podemos evitar ou prevenir: esse impacto pelo endereçamento do outro nos constitui primeiramente contra nossa própria vontade ou, talvez posto de maneira mais apropriada, antes da formação da nossa vontade.

Nessa perspectiva, podemos compreender como Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú, viveram na matriz do discurso dominante e tendo, certamente, a ausência de gerenciamento governamental que pudesse amparar essas três mulheres de ruas, de políticas públicas que pudessem beneficiar suas vidas e isso só vem mostrar o quanto a mulher pobre e periférica é excluída do discurso dos governantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, buscamos discutir e refletir sobre os discursos situados no texto publicado sobre as três mulheres de ruas, de Jacobina-BA. Como foi possível perceber, Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú viveram enredadas nas armadilhas do

poder, mas alguns pontos das suas insubmissões, que por um descuido, lhe escaparam do poder, por toda a intensificação, toda a extensão dos seus embates com o poder, e que as marcou em suas garras, foi também, de certa forma, uma brecha para que fosse ensejadas poucas palavras sobre essas mulheres infames, no espaço da rede social. Outra condição de emergência e que transformou e efetuiu as suas existências na página do *Instagram*, do grupo @ciasaraudaseis é o incômodo das mulheres negras colocarem-se nesse lugar do silenciamento e apagamento de suas vidas. De fato, entre as ruas e as redes sociais, há um apelo urgente, para tirar as mulheres de ruas, das sombras da exclusão e marginalização.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência.** Tradução de Andreas Lieber. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. *In: FOUCAULT, M. (Org.). Ditos e escritos IV: Estratégias, poder-saber.* 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p. 203-222.

GROS, Frédéric. *Desobedecer.* Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, A. **Bigas, Marias e Bastianas e a nossa vez de falar.** Instagram, [S. l.], 25 fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLuCAgNBjuu/?hl=pt-br>. Acesso em: 05 jan. 2023.